

Geraldo Vandré e Chico Buarque



Por **WALNICE NOGUEIRA GALVÃO***

Do menestrel ceifado pela ditadura ao cronista das almas femininas, duas trajetórias que, em tons distintos, consagraram a canção como instrumento de resistência e de reinvenção da vida íntima

Geraldo Vandré

Completa 90 anos aquele que compôs o hino nacional da resistência à ditadura. Proibido em todo o território nacional, “Pra não dizer que não falei de flores” seria entoado nos eventos da oposição, fosse ato público, comício, enterro de vítimas e de líderes etc.

Sabe-se lá que terrores viveu? Notícias de outros perseguidos e exilados contam de pessoas que, sem estrutura para aguentar os demônios, preferiram morrer. Há notícia de famoso líder comunista que tentou o suicídio cortando os pulsos com o único instrumento de que pôde lançar mão, uma tampa de lata de sardinha.

Em outros, como o de Frei Tito, a ignomínia dos perseguidores foi exponenciada pelo fato de ele, católico convicto, saber-se condenado pelo suicídio à eterna danação, sem redenção possível. Outros ainda enlouqueceram, tornaram-se alcoólatras, converteram-se a cultos messiânicos ou às drogas – enfim, muitas saídas diferentes para o horror que atravessaram, mas todas destrutivas. E muitos padeceram de esterilidade intelectual, deixando de produzir.

Geraldo Vandré, cria do CPC, formou entre os pioneiros da bossa-nova, embora raramente seja reconhecido. Constituiu sua dupla mais politizada com Carlinhos Lyra. Este até o fim insistiu que sempre foi politizado, desde o começo, quando coordenou com Vinicius de Moraes o show *Pobre menina rica* e foi co-autor de *Subdesenvolvido* (1962) com Chico de Assis, célebre sátira em forma de canção que foi cantada Brasil afora, emblema do CPC e presença em todos os grêmios estudantis do país.

Pois Geraldo Vandré e Carlinhos Lyra fizeram parceria que é responsável pelo menos por duas canções de então: a belíssima *Quem quiser encontrar o amor* (1961) e *Aruanda* (1962). A Geraldo Vandré devemos algumas das mais lindas melodias da bossa-nova. Mas também há quem prefira *Réquiem para Matraga*, da trilha sonora que Geraldo Vandré compôs para *A hora e vez de Augusto Matraga*, filme de Roberto Santos

É de se lamentar que no Brasil não exista a figura do menestrel popular contemporâneo, que teve exemplares magníficos em outros países, como os *chansonniers* franceses que desde a Revolução mantiveram o bom hábito de fustigar os poderosos. Tais foram, entre tantos outros, Aristide Bruant e George Brassens, que não couberam no mesmo século.

Em Portugal, Zeca Afonso fez trabalho quase clandestino durante a ditadura salazarista, que ajudou a derrubar. Não foi à toa que teve sua canção *Grândola Vila Morena* escolhida como senha difundida pelo rádio para deflagrar a Revolução dos

a terra é redonda

Cravos em 1974. Ele, que infelizmente morreria cedo, percorria o país com seu violão, cantando em sindicatos, escolas, igrejas, onde desse enfim, para fazer propaganda da liberdade e da democracia.

Nos Estados Unidos, sobressaem dois deles, identificados à *folk music*. O primeiro, Woody Guthrie, marchou junto com os pobres atingidos pela Grande Depressão dos anos 1930. Deixou canções inolvidáveis, como *Where have all the flowers gone* ou *If I had a hammer*. E foi o divulgador do hoje conhecido hino do Movimento pelos Direitos Civis, *We shall overcome*. Depois dele surgiria Pete Seeger, participante do mesmo Movimento, dos comícios e atos públicos contra o racismo e contra a Guerra do Vietnã.

Geraldo Vandré estava a caminho de ocupar seu lugar nesta ilustre galeria de menestrelis populares, quando a ditadura o ceifou. Somos-lhe gratos por ter existido e brindado seus ouvintes com tão belas canções, as de amor e as de guerra.

Imagem Geraldo Vandré no Maracanãzinho, na final do festival da MPB em 1968, respondendo ao anseio popular ao estrear “Pra não dizer...” Quando a canção terminou, ouviu-se e pode-se ouvir até hoje na gravação o brado retumbante dos 12 mil opositores do regime que ali estavam em estado de insurgência e que sancionaram a vitória da canção – que a ditadura proibiria. Mas não conseguiria impedir sua trajetória histórica.

Basta ouvir com atenção a progressão da figura do menestrel que Geraldo Vandré vai construindo em primeira pessoa desde *Porta-estandarte*, passando por *Réquiem para Matraga*, *Disparada* e *Ventania*, para culminar em *Pra não dizer...* Através de seu canto o menestrel conclama a quem o ouve para mudar o mundo, que está bem precisado.

Chico Buarque

Arauto de uma transformação histórica é *Ronda*, de Paulo Vanzolini, invertendo inesperadamente o ângulo de visão e fazendo da mulher traída a narradora. Não mais um macho ferido em sua vaidade buscando retaliação, mas uma mulher procurando na boemia seu homem, com a intenção, que só fica clara no último verso, de lavar sua honra com sangue. Uma notável inversão do lugar-comum.

Mas eis que surge Chico Buarque e tudo vai mudar na representação do feminino na música popular, como mostra Adélia Bezerra de Menezes em seus vários livros. *Com açúcar*, *com afeto*, a exemplo de *Ronda*, opera a mesma inversão, mas, como o título explicita, sem efusão de sangue. A canção oferece o ponto de vista da mulher restrita à vida doméstica, enquanto o cabeça do casal se diverte na boemia. Mas com resultados pacíficos, não sanguinários.

Ela vai imaginariamente compartilhando as situações que ele vive de fato, com pertinência e graça – a conversa de botequim, a bebida que jorra, os amigos de ocasião – e conclui pelo perdão, quando ele volta para casa.

Como é sabido, a composição atendeu a um pedido de Nara Leão, incrível cabeça pensante da bossa nova, vanguardeira, e descobridora de talentos e de tendências, que nada tinha de boazinha e submissa como a protagonista da canção. Mas é boa amostra da envergadura que o dom de Chico Buarque abarca, embora haja quem prefira suas transgressoras.

Ele deu voz a toda uma galeria de mulheres que falam em primeira pessoa, como em *Folhetim*” ou *Sob medida*. Olhando sobranceiras para os homens, são autárquicas e desabusadas (“Sou bandida/ Sou solta na vida/.../Meu amigo, se ajeite comigo/ E dê graças a Deus.” – entoa o vozeirão de Fafá de Belém, em *Sob medida*);

Sempre atento, com muito respeito e consideração, o compositor sublinha a espinhosa ambiguidade dos laços que prendem a mulher oprimida ao homem opressor, numa verdadeira variante da Síndrome de Estocolmo. Em Esse cara, é a mulher do bandido que se rende a ele: “Ah, que esse cara tem me consumido/com seus olhinhos infantis/como os olhos de um bandido...”.

Outro exemplo, *A qualquer preço*, é tão complexa que só uma cantora genial como Elis Regina modularia todos os seus

tons e semitons de sentido. Para sorte da canção, ela a gravou.

Mas Chico Buarque também pode pôr em cena uma mulher que se revela esquiva a esses papéis, nem vítima nem transgressora, mas talvez algo mais, ou ao menos algo alhures: tal é o etéreo perfil de *Beatriz*, na parceria com Edu Lobo. O esboço da personagem é conduzido pela rima rara e difícil de compatibilizar, mas que imprime extraordinária sofisticação à composição

É obra-prima que se destaca, mesmo em meio às criações de um artista de tanto refinamento nas músicas e nas letras. Meio surrealista meio onírica, de beleza incomparável, quem lhe fez justiça foi Cida Moreira, que soube acentuar suas delicadezas.

***Walnice Nogueira Galvão** é professora Emérita da FFLCH da USP. Autora, entre outros livros, de *Lendo e relendo (Sesc/Ouro sobre Azul)*. [amzn.to/3ZboOZj]

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

CONTRIBUA